

IDEAS EDUCATIVAS DUM CANDIDATO TRABALHISTA

“A CHAMA IMORTAL” DE WELLS

Um amigo, animado de grande interesse pelos problemas pedagogicos, emprestou-nos (para nos fazer compreender as suas proprias convicções) a novela de Wells: *The Undying Fire*, traduzida em francês com o titulo *La flamme éternelle*. Nesta obra, Wells apresenta em discussão três ideais de pedagogia: o do director Huss (igual, ou, pelo menos, muito semelhante ao do proprio Wells, tal como êle o sustentara, por exemplo, no livro *Outline of History*); o do dr. Barrack, naturalista e spenceriano; e o do professor Farr, tecnicista.

O ideal do dr. Huss cai frequentes vezes na retórica: tentar a «grande aventura», o divino combate, conquistar as estrêlas: «a terra pertence ao homem, as estrêlas tambem lhe pertencem, para que êle siga Deus, que o chama, e alcance os dons que Deus lhe oferece» (*La flamme*, pag. 211); «a vida, morrendo sempre para sempre renascer, sempre joven e sempre estrénua, levanta-se sobre a terra como sobre um trampolim, e alarga o seu domínio até ás estrêlas» (*History*, fim).

A propósito, cumpre notar que aquele Deus não é Deus. Huss mostra-nos um universo abominavelmente construído, um diabólico campo de carniçaria, incompatível com a idea de um criador bondoso; Deus, para êle, é simplesmente a nossa aspiração para uma humanidade mais perfeita (não digo para uma vida individual mais feliz, dentro das sociedades existentes): e tal aspiração, segundo o sr. Huss, existe em todos os indivíduos. Na *History*, Wells afirma que a bemaventurança futura terá por base uma religião comum a todos, religião sem forma definida que será a religião pura, o Reino dos Ceus, o sacrificio, (II, 586). Quanto a nós, esta insistencia em usar de Deus, em falar d'Ele, e em nome d'Ele, quando se não acredita que Ele exista, só prova, afinal de contas, quanto nos custa renunciar ás palavrosas expansões de um idealismo nebuloso. Não crer em Deus é um grande mal, a que nos resignamos com dificuldade; mas é melhor resignarmo-nos, e falar claro; ao que

supomos, nós, os ateus, devemos ser tão sinceros — e tão humildes — como os perfeitos religiosos.

Se procurarmos, porém, mostrar em linhas mais perceptíveis o ideal pedagógico daqueles dois livros, chegaremos ao seguinte: trabalhar pela «unificação do mundo», quer dizer, pelo estabelecimento de um estado de paz perfeita, pela supressão dos nacionalismos, pela comunidade de lei e de govêrno em toda a terra, pela organização económica que nos permita levar parte da existência num trabalho que nos agrada, e outra parte em férias, viajando, — pois o nomadismo, diz Wells, é a vida normal de todos os homens (*History*, II, 591). Quem tornará o trabalho agradável é a máquina, e lá virá tempo em que cada cidadezita provinciana será como a Atenas da época de Péricles (II, 590).

Em nosso juízo, o educador deve ter um ideal; êsse ideal, porém, há de ser *preciso e não-arbitrário*, limitando-se ao que é com *certeza* um bem e *uma possibilidade*, e fugindo ao que não passa de opinião ou fantasia, de desejo subjectivo, individual, de um determinado educador. Cumpre tomar para pontos essenciais do ideal, para objectivos fundamentais, quando se tem a responsabilidade de dirigir um moço, aqueles em que nos podemos sentir seguros e incontestáveis, o que é bom indisputavelmente e com certeza exequível pela força do homem. O sr. Huss parece-me preciso onde não convinha, e omisso onde não devia sê-lo, caíndo no erro do cão da fábula: largar o ôsso pela sua imagem. Descura os fins claramente concebíveis, indubitavelmente bons, humanamente realizáveis, para nos inculcar alguns fins vagamente fantasiados, e duvidosos, ao mesmo tempo, quanto á natureza de verdadeiros bens e á possibilidade de realização. Sacrifica o indivíduo e a sociedade presente a um esquema hipotético e arbitrário da sociedade que há de ser. Afiguramo-nos que os alunos devem sair da sua escola com muito boas intenções, mas sem nenhuma noção precisa do que hão de fazer à sua vida. E' o que procuraremos demonstrar,

esforçando-nos por fazer sair da nossa crítica, ao mesmo tempo, a noção de um ideal pedagógico de outra espécie.

Descrever paraísos é muito mais fácil do que medir a sua possibilidade, ou fornecer receitas claras para a sua realização. As receitas de Wells são deficientes, como veremos; e, quanto às condições de exequibilidade, o grande romancista não pergunta a si mesmo se é realmente possível suprimir a luta pela vida sem suprimir a própria vida; se ela não é uma necessidade inerente à natureza dos seres vivos; se todos os homens que nascem são convertíveis ao seu ideal; e se estamos *todos* em circunstâncias de nos constituirmos co-autores da sua vasta reorganização da humanidade. «Podem talvez ter a certeza de servir Deus segundo a boa maneira» — diz Huss — «alguns pedagogistas, alguns sábios dedicados à investigação científica, alguns médicos, alguns construtores de pontes e de máquinas, alguns navegantes. Esses podem estar seguros de fazer obra necessária, perdurável. Mas a maioria dos homens e mulheres de hoje são como animais encerrados em um túnel. Consagram-se a vis misteres», etc., (pag. 207). Ora, nem a curteza de capacidade da maioria dos indivíduos, nem a estrutura da sociedade, onde os «misteres vis» são necessários, permitem que todos sejamos médicos, sábios, pedagogos, etc., capazes de exercer essas funções de maneira tão larga e influente, tão generosa e tão ilustre, que o nosso trabalho equivalha a «servir Deus» e a «construir obra perdurável». Wells fala como quem não está muito longe de admitir que, se não somos todos, ou quasi todos, Pasteurs, Pestalozzis, Lesseps, Nansens, é por falta de educação; fala como quem supõe, em suma, que a educação espiritual pode, não só descobrir, amparar, aproveitar e encaminhar faculdades inatas, e radicar hábitos convenientes, mas também *criar* capacidades, introduzir dotes no educando: e é esta uma ilusão perniciosíssima que se encontra implícita, muitas vezes, nos teorizantes da pedagogia.

A verdade é que não só as grandes capacidades espirituais que para tal obra são requeridas, mas também o desejo de se sacrificar à faina grandiosíssima, mas vaga e decepcionante, de dar à humanidade instituições perfeitas (e ainda a compreensão dessas sublimidades), são cousas impossíveis de fazer brotar na maioria das criaturas, — e em muitas que são, apesar disso, boas, simpáticas, aproveitáveis, eminentemente dignas do nosso aprêço e simpatia. «O sr. Huss», — objecta uma personagem do romance, «fala-nos de uma chama imorredoura, de um espírito divino que anima o homem; este espírito, diz ele, existe em V. Ex.^a, sir Eliphaz; existe nêsse senhor, cujo nome não percebi bem; e existe em mim. Não acham estranho que, à excepção do sr. Huss, nenhum de nós tenha dado pela existência dessa chama? Não sei qual seja o parecer de V.^{as} Ex.^{as}, mas, pelo que me diz respeito, não me agrada que façam de mim, sem meu consentimento, uma parte de Deus, ligada ao sr. Huss», (pag. 151). Boa objecção: cumprindo ainda advertir que quem assim objectava era um homem de escol, um médico distinto; e que

diremos dos outros, dos que não teem «chama» nem talento? Desprezaremos êsses outros? Faremos divina a humanidade, abandonando ao seu mau sestro a maioria da humanidade? Que fazer à multidão dos que não sentem em si a eterna chama?

Parece-nos pois o programa de Wells demasiado optimista, apressado e simples, — além de nebuloso, como vamos ver, *nas suas partes essenciais* (naquelas, em suma, em que é necessário ser claríssimo). Antes, porém, há que responder a esta pergunta: é que inconveniente pode haver no excessivo optimismo?

Cremos que muitos. Arrisca-se a cair quem se meta a dar um salto superior às suas forças; diz a sabedoria dos povos que o óptimo é inimigo do bom, e que mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Se teirmos em fazer num dia o que só pode realizar-se em cem, faremos pior do que realmente poderíamos. Não é só por falta de educação que não obramos todos maravilhas, pois não somos «folhas de papel branco onde tudo pode ser escrito»; nem é de crêr que nasçam no orbe tantos génios quantos Wells supõe (só na Inglaterra, ao que diz, acervos de Newtons, centenas de Darwins, de Daltons, de Bacons, de Huxleys, que passaram despercebidos por falta de instrução: *History*, II, 589). Depois, não é *adiantar*, mas *atrasar* a realização do que se deseja, inculcar caminhos que a experiência provou que não levam ao fim ambicionado. Assim, não se pode hoje acreditar que o desenvolvimento da maquinofactura, só por si, melhore a vida do trabalhador; o trabalho da máquina é mais monótono e fatigante que o manual. Haverá maneira de o tornar menos penoso do que é hoje? Procure-se essa maneira, digam-nos qual é, mas não nos façam esperar paraísos da simples generalização do uso da máquina, porque essa já nós sabemos que aumenta a produção, mas não torna mais feliz o produtor.

O sr. Huss vai fazer de *todos* nós implantadores do seu ideal. Como? Pela instrução. Que instrução? Uma instrução de história, de biologia e de filosofia. «Em Woldingstation» — diz âle — «ensinei a filosofia; ensinei toda a história do género humano. Se, para o fazer, conviesse retirar do programa todos os estudos de química, de física, de matemática e de línguas, tê-los-hia sacrificado», (pag. 116). Porisso mesmo escreveu Wells a sua *História*, onde afirma: «a história é a coluna vertebral da educação; não pode haver paz e prosperidade comuns sem comuns ideias históricas», (*Introduction*, VI e VII). E' essa a educação que diz convir que todos tenham, — *todos*: o futuro médico, o comerciante, o logista, o agricultor, o trabalhador rural, o padeiro, o tecelão, o varredor, etc. «Suporei *toda a gente* instruída; entendendo-se por ser instruído o possuir um conhecimento real da história» (198).

Não compreendemos esta superstição da narrativa histórica como unificadora da espécie humana e criadora de um ideal comum. O ideal de Wells é, ou não, desejável? Se o é, que importa a história? Quem busca o bem por causa da história, e quem é que por causa da história deixou um dia de o desejar? Mas suponhamos, por hipó-

tese, que o saber história influi no caso. Para confirmar por ela um ideal é preciso lançar mão de tão frágeis artifícios, tão aleatórios, tão facilmente refutáveis! A História presta-se a tudo, e não faltarão desmancha-prazeres para contestar, com a própria História, as teses do sr. Huss, — as de Wells, — e lá se foi a bela harmonia, aquela comunidade de ideias históricas sem as quais é impossível (ao que diz Wells) a prosperidade comum. Pelo que concerne aos conhecimentos de biologia, podem eles prestar auxílio, mas auxílio técnico, sejam quais forem os ideais a cujo serviço os queiramos pôr; e a filosofia... que filosofia? quem nos diz que todos aceitarão a filosofia moral do sr. Huss? que um de nós não preferirá Spencer; outro, Cristo; outro, Buda; outro, Nietzsche?

Demôs de barato, porém, que fomos todos discípulos do sr. Huss, que todos aceitámos as suas ideias; que todos, graças ao seu ensino, nos tornámos capazes de dirigir o mundo na direcção que mais convenha. Saídos da escola — que faremos? Porque enfim, o paraíso não existe ainda; cumpre enquadrar-nos na vida actual dentro da humanidade do nosso tempo; e o sr. Huss, como vimos, pôs todo o seu esforço na noção vaga, arbitrária, subjectiva, de uma comunidade perfeita segundo o ideal do sr. Huss, filho do temperamento do sr. Huss: — e assim fazendo, desprezou as disciplinas técnicas, tudo o que nos habilita a ganhar a vida na sociedade de hoje, e em qualquer sociedade (só excepcionalmente se poderá tirar pão dos conhecimentos históricos, biológicos e filosóficos). Mas admitamos ainda, por nova hipótese, tudo isso; suponha-se que os ex-alunos, — ou porque viviam dos seus rendimentos, ou por outra qualquer razão, — ficaram com tempo livre para se consagrar inteiros ao Ideal, munidos da história, da filosofia e da biologia (magros conhecimentos, na verdade, para quem há de reformar as instituições humanas). Em termos concretos, — que vão fazer?

Sabemos (pelo que nos diz o sr. Huss) que para nos aproximarmos do Ideal «seremos submetidos a instituições infinitamente mais favoráveis» (pag. 201). Mas que instituições são elas? qual a sua forma, natureza e estrutura? como faremos para obtê-las? Não estaria Huss, como professor, obrigado a responder a tais perguntas com minudência e precisão, se não houvesse subordinado o ensino à resolução desses problemas. Mas fê-lo; todas as demais habilitações foram sacrificadas a esta única: a de reformadores da sociedade; e temos que, afinal, também para isso os educandos não fiquem habilitados.

Em resumo: os educandos do sr. Huss, que hão de suscitar os homens felizes, perfeitamente adaptados, da sociedade dos tempos futuros, serão, eles, inadaptáveis e infelizes na sociedade do seu tempo. E, em presença disto, perguntamos: tem o professor o direito, para servir a *hipotética* ventura máxima do homem longínquo, de sacrificar o seu educando? Supondo que a espécie humana sobe uma escada de felicidade (representando cada degráu um estado mais feliz que o precedente) — não deverá o professor preparar a subida para o degráu *imediatamente mais próximo*, em vez do

salto gigantesco para o último, o etéreo, de cuja forma e situação não sabe dar-nos a menor ideia?

*

Em resumo, no ideal do sr. Huss os bens *incontestáveis e realizáveis* foram sacrificados a um ideal de sociedade futura onde poucas linhas se desenham nítidas, *dessas mesmas não se podendo dizer que sejam incontestavelmente desejáveis, nem humanamente exequíveis*; e, quanto aos meios de execução — cousa alguma. Porisso, neste passo, para corrigir o idealismo nebuloso do professor Huss, conviria considerar com menos desprezo do que Wells as ideias do dr. Barrack (outra personagem do romance), ideias que ele supõe com demasiada pressa ter refutado facilmente.

O doutor, em resumo, diz o seguinte:

«Só creio nos factos. Que vejo em torno de mim? A luta pela vida» (não se impaciente o leitor benévolo, que não vamos cair, por nossa parte, na adoração do existente, na resignação fatalista ao facto bruto; quem fala por enquanto é o dr. Barrack). «Chamemos a esta luta o Processo; a palavra Evolução esquece o aspecto moral do caso, e, além disso, sugere a ideia de um movimento simples, rectilíneo, automático. As maneiras de ser e de julgar variam de homem para homem, de época para época. *Cada ser tem normas que lhe são próprias*. Devemos obedecer ao Processo no nosso lugar e no nosso tempo. Que significa educar? Significa ensinar os jovens a representar o seu papel em uma peça. Ora, como consegui-lo, se desprezarmos os dados do problema? Como é a peça? Eis o que à criança convém saber. O meu Evangelho, porisso, é o seguinte: *ponde-vos diante dos factos. Tomai o mundo tal como ele é, e tomai-vos a vós mesmo tal como sois*. Ensinem os jovens o que é o mundo, todas as regras e trucs da peça, todos os que a humanidade tem descoberto, e digamos-lhe: sede vós próprios; é *inútil querer ser cousa diversa do vosso eu essencial*. Os caracteres adquiridos não se transmitem. E' o vosso eu essencial, a vossa hereditariedade essencial que se põe à prova. Sede vós mesmos!»

Este pensamento do dr. Barrack é incompleto, — mas contém verdades essenciais. Cumpre, sem dúvida, aperfeiçoar de todos os modos o condicionamento social, não nos resignarmos à conservação das suas formas realizadas; cumpre, por meio da eugenia, suscitar o nascimento de organismos mais sãos; cumpre radicar em todos os jovens o desejo de bem servir... — mas cumpre não esquecer que a obrigação principal do professor é o bem dos seus discípulos, de indivíduos já nascidos, numa sociedade que já existe; que, porisso mesmo, é impossível um salto súbito para uma sociedade de perfeição (dado que descobramos a sua fórmula, o que não incumbe ao *mestre-escola*) a qual só há de vir lentamente, pela lenta experiência das gerações; e que a *educação espiritual não cria dons*, não consegue transformar, por assim dizer, todas as árvores em castanheiros. «Quando a tendência é favorável ao saber e à virtude» — escreveu Cesca nos seus *Princípios de pedagogia geral* — «não há mistér de especiais pro-

cessos pedagógicos; se a disposição, pelo contrário, é má, psicopática, e conduz ao egoísmo, ao vício, ao império da animalidade sobre a humanidade, a educação é ineficaz e nula... Contra a natureza nada pode». Há aqui um exegêro, o que significa que há uma verdade — uma parte da verdade. Diferem muito os homens uns dos outros; as possibilidades de cada um estão férreamente limitadas pelas condições do seu organismo; e colocar diante de todos perspectivas demasiado belas só pode ter como consequência a inadaptação à realidade — a desilusão, a miséria, a revolta desesperada, e portanto o retrocesso. O que está ao alcance do educador é, em primeiro lugar, um trabalho negativo: fugir de fazer mal, e afastar do educando tudo que prejudica o desenvolvimento (parece fácil, e é difficilíssimo; parece pouco, e é muitíssimo); em segundo, confiá-lo a um médico para que corrija, na medida do possível, os defeitos do seu organismo; em terceiro, descobrir o «eu essencial» de cada um, e indicar o caminho mais conveniente para êsse eu essencial, pois há para cada homem um grupo de profissões, um regime de existência, um sistema ético, que representam o máximo bem que pode fazer cá neste mundo — a si mesmo e à sociedade; em quarto lugar, habilitar o seu discípulo a tratar os outros homens com o mínimo de «frouses»; em quinto, finalmente, dar-lhe os conhecimentos necessários a bem representar o papel para que a sua natureza o torna apto.

E o Ideal da sociedade perfeita? e a sociedade do ano 3.000? Não nos ocupemos demasiado dela; comecemos por hoje; não troquemos, digo, o possível pelo impossível; a sociedade é muito complexa, e somente aperfeiçoável por milhões de retoques sucessivos; não sacrifiquemos a juventude ao nosso sonho paradisíaco; não queiramos construir a universal ventura pela juxtaposição de muitas dôres; não teimemos em fazer, como diz Voltaire, «du meilleur de chacun le bonheur général». A receita *geral* da Perfeição não a sabemos, nem a sabe o sr. Huss, que a não revela; e que a soubessemos, e que a pudéssemos praticar, não aumentaríamos consideravelmente a ventura dos homens do nosso tempo: porque só a homens perfeitos podem dar felicidade perfeita as perfeitas instituições; e homens perfeitos, ou quasi perfeitos, pode ser que se obtenham um dia, após dilatadas tentativas, por métodos perfeitos de *geração*; nunca, porém, só por métodos de *educação*, suposto que a universal fraternidade seja compatível com certas paixões, certos instintos, sem os quais se não concebe a vida orgânica... Santo Deus! Basta considerarmos um de nós, de perto e concretamente, vêr um bairro pobre de uma cidade, para se nos esvaírem totalmente as esperanças de um Milagre Geral, de uma grande aventura de redenção. Sou eu, leitor; és tu; é aquêle vizinho e aquêle outro, somos *todos*, enfim, com as paixões, os defeitos, as limitações que nos deu o berço (e que só a tumba há de levar) ; que havemos de adquirir uma mesma mente, um mesmo ideal, uma mesma faculdade de «servir Deus», de conquistar estrêlas, de viver em paz, graças a um arranjo de factos «históricos» (que são quasi todos

suposições históricas, variáveis com os historiadores e à mercê do tempo) ideado *ad hoc* por um mestre-escola? De-certo não; são quimeras todos os sonhos que exigem de nós a uniformidade: e o primeiro dever de quem educa há de ser sempre o admitir, como um facto indestrutível, os limites de cada homem, e as diferenças dos vários homens em quantidade e em qualidade, — a *diversidade* dos génios, dos intellectos, dos desejos e das opiniões.

*

«Cada sêr tem normas que lhe são próprias» diz o dr. Barrack; «tomai o mundo tal como êle é, e tomai-vos a vós mesmo tal como sois». ¿Significa isto, por ventura, que nos devemos abster de encaminhar os jovens? Pelo contrário: significa indicar a cada um o *seu* caminho. — Puro egoísmo, direis ainda. — De maneira alguma: é estando no *seu* caminho, na profissão, no papel, na moral para que a natureza o dotou, que cada um é mais útil à sociedade. Um reformador que não nasceu com faculdades de reformador presta menor serviço à sociedade que um bom carpinteiro modesto que só faz carpintaria.

Creio que um dia há de causar espanto o verificar-se até que ponto o pensamento de todos nós, mal se chega às questões práticas, — ainda nos espíritos mais «científicos» e positivos, — é completamente dominado pelas ideas espiritualistas: liberdade de indiferença, alma capaz de seguir todos os rumos imagináveis, realidade de uma vida espiritual independente das condições orgânicas. De tais preconceitos ninguém se liberta. De aí o esperar-se do mestre-escola o que o mestre-escola não pode dar; e de aí, por outro lado, ninguém se lembrar de lhe pedir o que está realmente no seu poder.

Em educação imaginamos um homem perfeito, soma dos caracteres que julgamos bons, onde se topam muitas vezes maneiras de ser que entre si se excluem, esquecendo reiteradamente essa idea trivialíssima, mas justíssima, — de que tem cada um de nós as virtudes dos seus defeitos, e os defeitos das suas virtudes: e teimamos em conformar a êsse ideal todos os indivíduos existentes. E' o leito de Procusto, com a agravante de que neste caso o dito leito é um Absoluto, e portanto um impossível. Mas que o não fôsse; cada criança é um organismo, físico e intellectual ao mesmo tempo, de que não é possível tirar efeitos persistentes fóra dos limites impostos pela natureza dêsse organismo. Ao falar em tais limites, não aludimos só à quantidade, por assim dizer, mas à qualidade mesmíssima: não só se não pode, pela educação *mental*, transformar um estúpido em inteligente, um meditativo num activo, um débil em forte, mas também se não faz de um inteligente outra espécie de inteligente, de um bom outro bom, de um génio outro génio: não há educação mental que de um Beethoven faça um Newton, de um Newton um Dante, de um Dante um Rembrandt, de um Rembrandt um Napoleão. Verdades são estas de La Palice, ou de Pedro Grulho, mas constantemente esquecidas pelos curiosos da Pedagogia. Se pudéssemos examinar com perfeita sciência o orga-

nismo físico de um dado homem, desde a conformação do seu encéfalo até, sobretudo, o funcionar das glândulas de secreção interna, — poderíamos traduzir em termos de «espírito» o exame empreendido, e dizer consequentemente as possibilidades actuais do indivíduo que se examinou. «La force et la faiblesse de l'esprit» — diz La Rochefoucauld — «sont mal nommées; elles ne sont, en effet, que le bon ou le mauvais fonctionnement des organes du corps». Na terapêutica das secreções internas residirá talvez, de futuro, o recurso máximo da pedagogia.

A «inteligência», a «capacidade de observação», a «virtude», etc., são praticamente consideradas pelos diletantes da pedagogia como espécies de faculdades «livres», intensificáveis indefinidamente pelos processos de educação mental.

Mas tal suposição é uma quimera. Não há mestre no mundo que dê inteligência a uma criança, nem faculdades de observação, nem ainda intrínsecas virtudes. O mestre ensina a dirigir, a tirar partido do que já se tem, isto é, das virtualidades inerentes ao nosso organismo; leva-nos assim a criar bons hábitos; e nada mais.

Em primeiro lugar, não há só uma espécie de inteligência, de observação, etc., mas muitas. As inteligências que fazem um bom carpinteiro, um bom químico, um bom orador, um bom diplomata, um bom filósofo, um bom músico, etc., são intransformáveis umas nas outras. Descartes e Molière tiveram inteligências geniais, mas diferentes, impossíveis de se trocarem. Barye, o escultor animalista, observou os animais muitíssimo bem; Cuvier, o zoólogo, também os observou óptimamente; e apesar de os objectos serem os mesmos, ou da mesma espécie, foram diferentes as observações, porque eram diferentes as mentalidades. Não era possível desenvolver em Descartes a inteligência de Molière, em Barye a observação de Cuvier, e inversamente. O que era possível, sim, (e tal o papel do pedagogo) era descobrir bastante cedo qual a forma de inteligência e de observação dêsses quatro homens, e indicar-lhes desde então o caminho que deviam seguir.

Tratando-se de espíritos excepcionais, como os citados, a função do educador é menos necessária; os génios, por via de regra, descobrem cedo as suas aptidões, e não precisam que os ensinemos. A escola tem por objecto a grande maioria da humanidade, os que necessitam da ajuda dos mais velhos e experientes, e não os que nascem já fadados para nos dirigirem a todos nós.

*

Continuemos, como até aqui, a fazer divagar por nossa conta a personagem fictícia do dr. Barrack.

O que uma criança deveria dizer ao despontar cá neste mundo, se falar pudesse, e mais tarde ao entrar na escola, seria aquilo de Diógenes ao imperador Alexandre Magno: «não me tires o que me não podes dar». Trago já dos que me deram o ser — continuaria ela — e das circunstâncias da concepção, um certo número de defeitos que me hão de acompanhar por toda a vida. Se minha mãe houvesse, enquanto me teve em seu seio, se-

guido um regime mais rigoroso, melhor seria para a minha pessoa; mas paciência: o que lá vai, lá vai. De hoje em diante, senhores e senhoras, far-me-hiam grandíssimo favor se evitassem o que me faz mal, e se vosselências mesmo mo não fizessem. Dêem-me de comer o que me convém, segundo o que os sábios descobriram, — se é que os homens actualmente se interessam tanto pela razão do homem, e pela higiene dos seus filhos, como pela dos animais de que tiram lucro. Não pensem, por enquanto, nos sermões de moral que me pregarão mais tarde; tratem de me dar regularidade de vida, passeio ao ar livre todos os dias, exactidão cronométrica no comer e no dormir. Nada de ruídos, de brincadeiras, de excitações que me tornem nervoso. Sou um relógio de precisão a que é bom dar corda a uma hora certa, bons óleos, nada de oscilações nem movimentos rudes; preciso de exercício quando me dá a gana, e que me não tirem o que me não podem dar».

E a mesma cousa ao entrar na escola. Antes de tudo não lhe façam mal. A imobilidade nas aulas, o estudo, os programas excessivos, a leitura, as angústias dos exames, produzem males de muitas espécies, como a digestão produz toxinas. Ponhamos num prato da balança os benefícios que tudo isso pode trazer, e no outro os danos que com certeza traz.

A saúde é o maior dos bens; um doente é mais um encargo do que um servidor para a sociedade. Mas, ainda quando só olhemos à inteligência, não esqueçamos que o que mais importa, para o bom funcionamento do intellecto, é não ter um cérebro cansado, intoxicado por más digestões e muito estudo, mas sim repousado, fresco, irrigado por bons «humores». Os males do organismo veem a reflectir-se na nossa mente. A instrução não dá inteligência; mas uma infecção pode tirá-la.

No ensino geral, o dr. Huss não se importava de sacrificar muito do que se aprende ainda hoje de sciências físicas, de química, de matemática, a favor da história, da filosofia e da biologia. O seu oponente, o dr. Barrack, se tivesse entrado em pormenores, diria talvez que muito do que está nos programas pode ser sacrificado, não à história, mas à higiene. Grandíssima parte do que se aprende na escola é inútil e não se retém; bastaria que nos ensinassem onde poderíamos encontrá-lo, em caso de necessidade, só confiando aos cérebros jovens o que é necessário e o que é *típico*, — uma demonstração matemática, por exemplo, como tipo das semelhantes. Respondem os defensores da indigestão mental: tais conhecimentos devem ser tomados como uma «ginástica» do espírito para «desenvolver a inteligência». Essa idea da «ginástica» do espírito, ou disciplina formal do intellecto, é uma das maiores ilusões dos pedagogistas amadores. Mas ainda que a admitissemos, cumpria notar que os bons efeitos dessa «ginástica» intellectual não podem ser proporcionais à quantidade de matéria, ao número de conhecimentos armazenados numa cabeça; ninguém como brutalmente para dar ginástica ao seu estômago; e tudo nos leva a crêr que a ginástica intellectual que se faz a jogar o «tennis», com o seu exercício dos sentidos e coordenação dos movimentos, tem melhor efeito

no intellecto do que a maioria dos «estudos». Repercutem-se sobre a inteligência, por se repercutirem sobre o cérebro, todos os factos da educação física, — entendendo por estas palavras, não só a ginástica e os jogos de desporto, mas todas as práticas higiénicas: a higiene do trabalho; a higiene do repouso; a higiene dos exercícios físicos; a higiene do sono; a higiene da alimentação.

O que aí fica defendido, ao que nos parece, é incontestavelmente desejável, claramente concebível, e humanamente exequível, — em todas as formas imagináveis de sociedade porvindoura.

*

«Ensinemos aos jovens o que é o mundo, todas as regras e *trucs* da peça, todos os que a humanidade descobriu» — diz ainda o dr. Barrack. O dr. entende a cousa, não há dúvida, de maneira um pouco estreita; mas alarguemo-la. Ensinemos aos jovens o que é a sociedade, como é que vivem as diferentes classes, quais são os processos (os bons e os maus) que nela se usam, quais são os perigos, as dificuldades, as traições que nela os esperam. Se lhes pintais tudo côr de rosa, fareis dêles ludibriados; e não é essa a vossa função. Quanto mais idealismo lhes inculcardes, tanto mais convém que os defendais, para bem de todos. A vida é uma luta áspera, uma dura tarefa cotidiana; *não ocultemos à juventude esta verdade incontestável*; ensinemos-lhe, pelo contrário — segundo as expressões do dr. Barrack, — «as regras da peça e os seus *trucs*», os quais, derivados da própria natureza humana, e não da actual forma da sociedade, é sempre útil conhecer, *sejam quais forem as instituições e ideais políticos que se adoptarem*. Na escola aprende-se tudo, menos a vida; meditam-se e analisam-se todas as cousas — os triângulos, as equações, os sólidos, os líquidos, os gases, os calhaus e os vegetais, a composição química dos corpos e a estrutura anatómica dos bichos, — mas não se medita no homem social, na maneira de tratarmos o nosso próximo, de conhecê-lo, de observá-lo, de nos observarmos a nós próprios, para podermos tirar de tudo isso a maior soma de bem possível — para nós e para os outros. O conhecimento do homem, porém, não se adquire principalmente nas páginas dos historiadores: não são em geral os homens mortos que nos fazem conhecer os homens vivos: é o conhecimento dos homens vivos que nos ajuda a adivinhar o que foram os mortos. Ao estudo dos homens e das relações humanas; ao da melhor maneira de lidar com êles; ao da estética da vida prática; ao treino nos negócios gerais da vida — poderíamos chamar (alargando, talvez abusivamente, o significado da palavra) poderíamos chamar Civilidade. Das três disciplinas fundamentais de Wells — a História, a Filosofia e a Biologia — um dr. Barrack de mais largo espírito poderia substituir esta última, portanto, pela Higiene, e a segunda por Civilidade, — entendendo por Higiene o estudo das condições mais favoráveis ao desenvolvimento do organismo — físico e mental: *mens sana in corpore sano*; e, por Civilidade, o estudo *concreto* do viver comum, do bom senso aplicado à vida, das opiniões dos

observadores a que se chama «moralistas», dos processos mais conducentes a lidar bem com o nosso próximo, a dar beleza à existência, a aumentar o gosto da sociabilidade, a diminuir os atritos nas relações sociais.

Tudo isto, outrossim, ninguém contestará que seja bom, e claro, e executável, *independentemente das instituições que futuramente se estabelecerem*.

*

E em vez da História da humanidade? Em vez da História da humanidade, como disciplina fundamental — poderia dizer o dr. Barrack, — o estudo aturado do próprio educando, das suas necessidades, faculdades e possibilidades, para o ajudar a descobrir o programa de vida mais conveniente para a sua pessoa. E', com maior âmbito, aquilo a que se chama «orientação profissional» — ciência recente que trará, ao que supomos, um verdadeiro progresso para a humanidade, (até hoje, a ciência consagrou-se ao mundo externo, e não ao homem; e porisso nos não deu *verdadeiro* progresso).

Há, para cada um de nós, uma espécie de profissões que pode exercer com mais eficácia; um programa que pôde cumprir com mais verdade; um regime que pôde seguir com mais proveito — segundo a natureza do nosso «eu essencial». Já hoje, graças aos avanços da psicologia, preluzimos os meios de determinar, para cada jovem, com suficiente aproximação, os mistêres, o programa moral, o regime de vida de maior êxito.

Essa determinação corresponderá (interpretada, é certo, com largueza e idealismo) a um dos ditames do dr. Barrack: «sêde vós mesmos!», — ou, mais cumpridamente: canalizai toda a vossa força no sentido das *vossas* possibilidades, e não em outros. A criança, até hoje, tem ido à escola para estudar; mas deverá ir também (e talvez principalmente) para que a estudem e a aconselhem sobre o caminho que lhe convém seguir. «E' inutil», e portanto nocivo, «procurar ser cousa diversa do nosso eu essencial»; «cada sêr tem normas que lhe são próprias». Colocai um aventureiro num escritório ou numa oficina: fareis um desgraçado e um mau cidadão; ponde-o a desbravar sertões: fareis um feliz e um «sócio» util; talvez o primeiro caminho o levasse ao cárcere, e talvez o segundo o leve à glória. Sem a orientação profissional, o trabalho da educação geral é um bêco sem saída. O professor abandona o estudante no momento decisivo da sua vida: quando, acabados os «preparatórios», ele tem de escolher a especialidade.

Cremos, pois, que o pedagogo será nocivo sempre que, como Wells, colocar diante de si dois ideais abstractos e de invenção pura — ideal de indivíduo e de sociedade — tentando a unidade de pensamento, de crenças, de desejos, de educação; entendemos, com o dr. Barrack, que *cumpra admitir antes de tudo a existência da diversidade*. Esta é, não só um facto que se impõe, mas uma cousa desejável, porque o mundo pede, cada vez mais, a diversidade de funções. Dá-nos homens diferentes a natureza: ponhamos cada um onde mais convém. E' êsse o maior serviço que nos pôde prestar a psicologia.

Comparemos, para melhor exprimir o nosso pensar, o estado social, em cada momento, a uma soma de várias parcelas (a comparação é grosseiríssima, e serve apenas como instrumento da distinção que vai seguir). Posto isto, há duas maneiras gerais de conceber o progresso humano: uns fixam, subjectivamente e *a priori*, qual será a soma num momento futuro, e dividem essa soma por cada uma das parcelas: obtem assim um cálculo simples, regular, com parcelas todas iguais, agradável ao nosso instinto de sistemática e de perfeição: é o processo de Wells. Outros procuram aumentar o valor de cada parcela (parcelas desiguais) sem prevêr onde chegará a soma.

Talvez o primeiro processo fôsse o melhor *se estivesse ao nosso alcance*; mas não está; a vida é cousa demasiado «viva» para se prestar a êsse jôgo. Admitido, todavia, que ele esteja realmente ao nosso alcance, só aos apóstolos da Política compete trabalhar por êsse método (a Política, aqui, é tomada em acepção larguíssima). Os professores, considerando que em tais domínios não há unanimidade nem certeza, circunscreviam a sua acção pelos limites do incontestável. Inculcar um sentimento social profundo e um grande desejo de melhorar o que existe — muito bem; mas especializar um espírito jovem para uma sociedade imaginária que talvez não venha a realizar-se, é correr o perigo de sacrificar a um tempo o indivíduo e a sociedade, exorbitar do professorado, assumir responsabilidades que lhe não competem. O que dizemos pôde parecer contrário àquela máxima de Kant: não se deve educar para a sociedade de hoje, mas sim para uma sociedade melhor, possível no futuro. Repare-se, porém, na última frase deste preceito: «*possível no futuro*». O pensamento do educador deve avançar sobre o existente, querer melhor do que hoje há, mas sem sair daquilo que, após um exame objectivo, se pôde ter como possível, sem sair da realidade humana. Um sentimento social mais forte; maior saúde de corpo e de espírito; colocação consciente de cada indivíduo na função social para que é mais apto: tudo isto se pôde afirmar que está nos limites do possível, e que melhorará a sociedade.

Para além dêste campo, que podemos vêr, há o imenso espaço dos desejos vagos, das utopias indefinidas, das estrêlas inatingíveis, dos deuses dos mitos, do eterno, das religiões. Não propomos que se entaipem as frestas por onde se admiram firmamentos; mas não é por aí que se deve demorar o pensamento de quem ensina; e também aí, como em tudo, cumpre respeitar as diversidades, deixar a cada um o ser católico, ateu, budista, luterano, teósofo, ou cousa nenhuma. O educador não tem que prevêr se essas religiões caducarão, em benefício de outra que é a dêle. Também o sr. Huss fabrica um crêdo, mais conforme, em seu entender, com a verdade, e pede para êsse crêdo a aceitação geral. Ora, não existem as religiões pela verdade dos seus dógmas, mas pela utilidade das suas esperanças, das suas instituições e dos seus preceitos. Fiquem os felizes que podem crêr com aquela crença que lhes der arrimo; e os que não podem, por qualquer razão, acreditar num deus *que seja deus*, não nos préguem por isso uma

palavra ôca, tirando à noção de divindade o que a tornaria divina e superior ao homem. Não digo que préguem a sua dúvida, ou o seu ateísmo, porque essa propaganda é pouco crítica; confessem-no, porém, se lhes preguntarem pelas suas crenças.

E o Ideal? — Mas pôde haver um ideal sem ser metafísico e religioso. Ajudar a geração que nos vai suceder a ser tão sãdia quanto possível, a viver em comum da melhor maneira, a pôr estética na vida, a bem escolher o regime ético de cada um dos membros que a compõem, é já um ideal, — e não pequeno, nem pouco útil, nem de muito fácil realização. E' um ideal, êsse, que pôde ser *comum*; os outros — os metafísicos — fiquem na esfera do individual.

ANTÓNIO SÉRGIO.



EDIÇÕES «ARTE»

1.º vol. — VERA VERGANI, por CAMARA REYS, com 16 ilustrações de TAGARRO.

Para a tiragem especial desta obra, acham-se inscritos mais os seguintes nomes:

17-Júlio Soares — 18-João Ferreira Dantas — 19-23 Livrar Moraes — 24-Alvaro Faria — 25-António Azevedo — 26-Carlos Rodrigues — 27-João Marques — 28-José Moraes — 29-Adolfo Cardoso — 30-Revista de TEATRO — 31-Vitor Vasques — 32-Tito Soares Lopes — 33-Dr. Jorge de Faria — 34-Eugénio de Carvalho — 35-Henrique Missa — 36-Jaime Augusto de Moura — 37-António da Silva Santos — 38-Raúl Brandão — 39-Teixeira de Pascoais — 40-Fortunato Abecassis — 41-Columbano — 42-Alberto Henriques — 43-José Machado — 44-Sancho Faria — 45-Fernando Alves — 46-Mário Ventura — 47-Severo Andrade — 48-Frederico Lopes — 49-Ernesto Campos — 50-Afonso Rodrigues — 51-Mariano Esteves — 52-Dr. Joaquim de Carvalho — 53-D. Cristina Reys.

Em virtude da grêve dos correios, ainda não pudemos receber um único pedido da província ou do estrangeiro, e já a inscrição da tiragem especial subiu a mais de cinquenta exemplares. Por isso nos vêmos obrigados a marcar, mas como limite inultrapassável para esta edição, o número de 100 exemplares de tiragem especial.

EM PREPARAÇÃO:

2.º vol. — CIDADES ANTIGAS, TERRAS MORTAS, pelos mesmos autores.

3.º vol. — AS NOSSAS ACTRIZES.

4.º vol. — LISBOA DO PRAZER E DO VÍCIO.

5.º vol. — OS NOSSOS PINTORES.

Monumentos, tipos, paisagens, estudos, critica, humorismo, arte, etc., etc.